



FRANCISCO DE OLIVEIRA

A NOS 70: AS HOSTES ERRANTES

Em 1877, a mal-afamada grande seca, que ainda hoje recheia as histórias do grande senão, fez emergir dramaticamente a questão regional do Nordeste: centenas de milhares de nordestinos tangidos como gado, errantes, desenraizados e famintos; e a morte, não a "morte Severina" e cotidiana, mas a morte mesmo — indiana? Diz-se que o imperador D. Pedro, o Bom, pensou em vender as jóias da Coroa para "salvar" os Nordestinos, iniciando o ciclo dos "salvadores" e das obras de redenção, de "combate às

secas", como o açude do Cedro, no Ceará, que, para ser concluído, levou tanto tempo que as últimas pedras já nem sabiam serem irmãs das primeiras.

Cem anos depois, nos anos setenta deste nosso século, ocorreu o "milagre brasileiro", cujo patrono "Santo" Antonio Delfim (ex-de Versalhes) tenta repetir novamente, inadvertido talvez do aviso muito velho de que a história, quando se repete, é farsa em vez de tragédia. Dentro do "milagre brasileiro" teve também um "milagre nordestino". E analogamente

às hostes errantes da grande seca do século passado, surgiram também as hostes errantes de nordestinos vagando empurradas pelo vento árido e devastador da expansão capitalista na região. Parece, porém, que os nordestinos preferem continuar a acreditar no Meu Padim Pade Ciço Romão Batista do Juazeiro, cujos "milagres", "refrigério" para as dores da alma, seguramente não aumentam as do corpo...

Nos anos cinquenta, um amplo movimento social, que não contou com apoio apenas dos grandes latifundiários, reivindicou para a região um programa de desenvolvimento e não mais de "combate às secas", desaguando na criação da Sudene. A questão regional do Nordeste centrava-se na ampliação das desigualdades inter-regionais no Brasil, com a marginalização crescente da região no contexto de uma economia cujo crescimento industrial, sediado no Centro-Sul, experimentava recordes inusitados.

A Sudene, utilizando principalmente a dedução do imposto de renda para as empresas que investissem no Nordeste, implementou um programa de desenvolvimento capitalista que completou a integração da região à economia nacional, tirando-a da estagnação quase secular.

Hoje a questão regional do Nordeste não é mais a da estagnação de sua economia: a região acompanha razoavelmente as taxas e o estilo da expansão capitalista no Brasil. Há crescimento industrial nas cidades e crescimento da produção agropecuária. A expansão industrial é presidida pelas empresas mais importantes do Centro-Sul, quando não diretamente multinacionais: não há praticamente nenhum grande grupo econômico operando no Brasil que não esteja também no Nordeste. No campo, as tendências de crescimento são bastante semelhantes às que se dão no País como um todo: há mecanização e conseqüente desemprego — "volantes" e "clandestinos" são os "bóias-frias" do Nordeste.

A choradeira "regionalista" é, hoje, apenas o ranger de dentes de uma burguesia míope e perdulária que, via modelo Sudene, foi "engolida" pelas burguesias nacional e internacional já hegemônicas no Centro-Sul. E os latifundiários do Nordeste, cuja crônica de crimes e rapina era a marca de seu atraso histórico, estão sendo substituídos por capitalistas tão rapaces quanto eles, mas sem as maneiras afidalgadas dos antigos barões-ladrões,

que encantaram antigos e novos viajantes e fizeram os lauréis de sociólogos de Salamanca e Apipucos...

O processo da expansão capitalista no Nordeste tem as características gerais do "modelo" brasileiro e as marcas peculiares que esse processo imprimiu a uma região que não havia dissolvido suas formas e relações ainda pré-capitalistas. Os incentivos fiscais financiaram a exportação de capitais do Centro-Sul para o Nordeste, no mesmo momento em que a economia nacional passava por violentíssimos ciclos de concentração e centralização do capital. Verso e reverso do mesmo processo, os incentivos fiscais levaram para uma região como o Nordeste a estruturação caracteristicamente oligopolista que já era hegemônica em escala nacional.

Durante anos seguidos, na segunda metade dos anos 60 e durante os primeiros anos da década de 70, a formação bruta de capital alcançou a marca de quase 50% do produto interno bruto do Nordeste, façanha insólita *mesmo* para o Japão da Restauração Meiji. Financiada pelos incentivos fiscais, essa formação de capital tomou a forma de investimentos de altíssimo coeficiente de capitalização, com fortes componentes de avanço Tecnológico em relação ao parque industrial preexistente.

Essa dupla característica possibilitou, ao mesmo tempo que ampliou, a criação de imensas reservas de mão-de-obra para a indústria que se implantava. Por outro lado, a agricultura regional, premida entre as tenazes da concorrência das mercadorias agrícolas do Sul e as próprias modificações da estrutura interna da produção industrial do Nordeste, desabou sob esse duplo impacto e liberou quantidades crescentes de mão-de-obra.

A marca gritante da década de 70 é esta: abriram-se as comportas que represavam a população sob o guante das velhas estruturas agrária e industrial, e, como uma onda gigantesca, praticamente toda pessoa válida é incorporada ao mercado de reserva de mão-de-obra para os novos empreendimentos capitalistas na região.

A exportação de mão-de-obra para outras regiões do País não cessou, mas sua tendência se inverteu; é a migração *dentro* do próprio Nordeste que hoje é mais importante, como se houvesse um represamento invisível a obrigar as pessoas a permanecerem na região.

No passado, o excedente populacional se convertia em reserva de força de traba-

lho *fora* da região; agora essa conversão se dá maciça e fundamentalmente *dentro* da região. Sendo a região agora *importadora de capitais*, a exportação de mão-de-obra pode declinar, não por qualquer correlação mecânica entre as duas ordens de fatores, mas simplesmente porque *tende* a haver uma equalização da forma de reprodução da força de trabalho entre as duas principais regiões da economia nacional: em teoria, chama-se a isso de mercantilização da força de trabalho.

Essa conjugação — estruturação oligopólica, subsídios à formação de capital, elevação do patamar tecnológico das inversões, ampliação das fronteiras de recrutamento da mão-de-obra, importação de capitais, tendência à permanência da população dentro da região, fortíssima migração do campo para as cidades — não podia produzir outra coisa senão uma marcada tendência para piorar a distribuição da renda: no começo da década a renda já era mais concentrada nas cidades do Nordeste e não no campo, que nunca brilhou sob esse aspecto. Instaurou-se uma competição quase mortal entre os próprios trabalhadores pelos postos de emprego — e, frise-se, não é que o emprego não tenha crescido — a ponto de o *turn over* da mão-de-obra industrial ser igual ao próprio efetivo empregado. Noutras palavras, a rotatividade da mão-de-obra industrial no Nordeste é igual a 100%!

Frente a isso, e mais, frente à repressão, ao arrocho salarial e à desarticulação dos sindicatos — elementos componentes do "milagre brasileiro" — os salários no Nordeste permaneceram ridiculamente baixos. Em 1972, a PNAD indicava que 69% da força de trabalho urbana *ocupada* ganhava *até* 1 salário mínimo! No período que correspondeu ao "milagre brasileiro", o "milagre nordestino" foi o de que 89% do aumento do emprego assalariado ocorreu na faixa dos que ganham até 1 salário mínimo! É muita exclamação para um "milagre" só.

Não há mais distinção, a não ser *estatística*, entre quem está empregado e quem não está. Em tempo: uns 35% da força de trabalho regional podem ser considerados desempregados ou subempregados. O conjunto da população trabalhadora vive numa corda bamba entre um emprego industrial, onde é permanente o emprego e rotativo o empregado, uma ocupação de biscateiro, outra de dona-de-casa que lava roupa para fora, outra de aposentado do Funrural ou do INPS e a de menino dos

mocambos e "alagados", que carrega água para seus vizinhos, compondo um conjunto de estratégias de sobrevivência, um jogo de soma zero.

É o que faz as delícias da nova classe média "nordestina por imigração", executivos idos do Sul, que podem dispor de um verdadeiro exército de empregadas domésticas, substitutas das mucamas que faziam as delícias das sinhazinhas e dos grão-senhores.

A estrutura social parece ter sido inventada pelo mesmo criador de Frankenstein. As classes sociais dominadas são uma espécie de classes "inacabadas": sua submissão real e formal ao capital, dado o enorme contingente de reserva, é sempre intermitente, interrompida periodicamente. O posseiro e o meeiro não se proletarizam senão parcialmente; o operário das cidades *não é sempre* operário: amanhã pode estar fazendo um biscate ou vendendo roupa feita e sapato de plástico no comércio "mancha de óleo" que, no Recife, se espalhou do antigo mercado de São José para as antigas ruas "bem" do bairro de Santo Antônio, e em Fortaleza é um vasto calçadão que se estende desde a Catedral, rua Conde D'Eu afora. As classes sociais dominadas são "movimentos", "massas", menos que classes.

E no entanto o Nordeste é o paraíso dos novos turistas nacionais. Suas cidades rebolem para encantar quem vai de outras paragens. A combinação da "cor local" com as novas classes médias locais, homô-



timas das que, em Ipanema, Leblon, rua Henrique Schaumann (a Ipanema de São Paulo), pululam na noite, dá o tom. E a vasta orla marítima — desde o Porto da Barra e Itapoã, em Salvador, passando por Atalaia em Aracaju, Ponta Verde em Maceió, Boa Viagem em Recife e Olinda (sim, é necessário citar Olinda outra vez, senão ninguém tem direito a pular no carnaval), Tambaú em João Pessoa, Ponta Negra em Natal, Praia do Futuro em Fortaleza — é o cenário onde a "transa" se dá entre esses homônimos sociais, de lá e de cá (de cá de onde, "pau de arara"?).

Essas classes médias foram criadas em "pacotes": são implantadas, enxertadas, seja pela organização do trabalho burocratizado dos grandes oligopólios, seja pela igualmente burocrática organização nas instituições estatais. Elas são fruto da reprodução da estruturação oligopolizada, centralizada.

Ao contrário dos salários da ampla massa trabalhadora, sua remuneração é determinada no interior do pacto burocrático, no Estado e nas grandes empresas. Nada tem a ver com demanda e oferta, nem com trabalho qualificado. Isso explica sua explosão no Nordeste, que confunde o observador menos atento à realidade e

mais de olho nos "dengues" da terra... Por cima, pairando sobre o bem e o mal, os novos executivos, o rosto de uma burguesia sem rosto, e os restos das antigas oligarquias transformadas em servos do Estado, a repetirem monotonamente as arengas regionalistas modernizadas em epigramas de economistas.

A estrutura do poder é "transregional": de um lado, as classes dominantes, em associação com o Estado, não são locais; de outro, as classes dominadas são "inacabadas", são "massas", menos que classes. Formar um sindicato autêntico no Recife ou em Salvador, as suas cidades mais industrializadas, é um suplício de Prometeu: o trabalhador teria que associar-se praticamente a todos os sindicatos, pois transita de uma categoria para outra ou para nenhuma no decurso de um ano.

Nas cidades menores, como João Pessoa (onde esse admirável Dom José Maria Pires simboliza, com sua recusa em inaugurar agências bancárias, a recusa das classes "inacabadas" a esse capitalismo que as recusa, esse "Dom Pelé" que, tomando o apelido daquele que foi "rei" do futebol, nos diz outra vez que o "mau caratismo" de "reis" é um produto da corrupção mercantil e não um atributo da "raça" manhosamente louvada mas racistamente detratada pelo sociólogo de Apipucos), o operário não entra sequer nos templos da Santa Madre: se entrar, recebe um "carimbo" de subversivo que equivale à baixa de seu contrato na carteira de trabalho, do Ministério que não é do Trabalho mas do Capital (com a permissão de Dom Angélico Sândalo, bispo do "Lestão" da Capital de São Paulo).

Disso decorre que a politização das lutas econômicas e sociais no Nordeste é mais imediata que em qualquer outra parte do País. Quando a população reivindica diretamente do Estado, quando até o mais humilde camponês diz que se o "gumverno não acudir, não dé um refrigeró" a situação não melhora, ele está expressando, nas condições de sua linguagem, uma realidade cruel e uma lição ainda não aprendida de política. As classes "inacabadas" não cabem dentro do padrão capitalista: estão condenadas a "cem anos de solidão", se esperarem que a expansão capitalista absorva *esse* enorme contingente de reserva que ela amplia ao tempo em que se expande. A luta assume imediatamente uma dimensão política; trata-se, afinal, da questão do poder e da questão do Estado.





Nenhuma ortodoxia, nenhum etapismo, nenhum bom-mocismo teórico e político será capaz de compreender esse complexo movimento, nem de radicalizar sua radicalidade. Nenhum "milagre" produz mais nenhum efeito. Se em São Paulo, Rio, Minas, Rio Grande, os movimentos classistas, ao se estruturarem, podem não apenas fazer abortar os "novos milagres" que se pretende "obrar" (não com a graça de Deus mas com os fogos do Inferno), primeira pinça de uma ampla estratégia de revolução social, necessária para que a superexploração no Sul não produza os superexcedentes que no Nordeste vão terminar em selvagem, a segunda pinça é combinar esses movimentos com os aparentemente não-classistas do Nordeste. O ABCD de São Paulo e todas as outras letras do imenso alfabeto de sua reserva no Nordeste.

O Nordeste não cabe no quadro: conforme um antigo mestre da caricatura nacional, dos tempos de *O Malho*, ele está sempre fora da moldura.

Cenário e personagens bertoluccianos,

surrealismo buñuelesco os anjos barrocos, crianças barrigudas de fartura de fome, flutuando em torno do sociólogo de Apipucos que disserta fleumaticamente, britanicamente, sobre as delícias da culinária inglesa —, barra-pesada glauberiana em que Antônio das Mortes é a "morte severina" lutando contra a morte latifundiária, o Nordeste é uma Guernica a interrogar severamente os donos do poder. Contam que Picasso respondeu aos alemães (deu-se esse encontro?), a respeito do mural de Guernica; interrogado: Quem fez esse horror? — foram vocês.

Revendo o Nordeste de hoje, *capital way of life*. seu poeta-maior pediu apenas à sua cidade:

"Embora não me sinta o direito de te dizer sim, não, dar conselho,

conto com que todo esse progresso que derruba o onde fui (e ainda levo)

faça mais fácil o mão-a-mão de mão a mão distribuir o pão

e que tua gente volte ao "bom dia" de quando lá toda se sabia" (1).

Juntar Gal com Lula, a voz e a rouquidão, Gregório Bezerra com Chico Buarque. a saga do facão e a saga da canção, Caetano Veloso com Dom Paulo Evaristo Arns, o gênio inventivo e o pastor da invenção, Mestre Vitalino com os peões gaúchos, a arte do boi pobre com os pastores do boi nobre, Graciliano Ramos com os "bóias-frias", as "vidas secas" com as vidas a secas, Luiz "Lua" Gonzaga com os "macarroni" de São Paulo, o forró com a tarantela, Dom Helder Câmara com os "nissei", o profeta desarmado com o futuro sem utopia, eis a tarefa:

"Para que voltemos a sentir,
O calor na face,
O tremor na voz,
O coração em disparada,
Como no encontro
Com a primeira namorada".

NOTA

(1) João Cabral de Melo Neto, "Ao Novo Recife", in *A Escala das Facas*.